

Erico Verissimo

Um certo
Henrique Bertaso

Pequeno retrato em que o pintor também aparece

Ilustração

Rodrigo Andrade

Prefácio

Luis Fernando Verissimo



COMPANHIA DAS LETRAS

- 10 Prefácio — *Luis Fernando Verissimo*
- 13 Um certo Henrique Bertaso
- 87 Crônica biográfica e literária
- 92 Biografia de Erico Verissimo

I

Mil novecentos e vinte e dois foi, sob muitos aspectos, um ano portentoso. François Mauriac publicou *Le Baiser au lépreux*. James Joyce sacudiu o universo literário com o seu *Ulysses*. John Galsworthy deu à Inglaterra e ao mundo *The Forsythe Saga*. Sinclair Lewis produziu *Babbitt*, e Pirandello, *Henrique IV*. O setor político foi também rico em acontecimentos decisivos. Rathenau foi assassinado na Alemanha. Mussolini abafou uma greve geral na Itália e foi chamado ao poder pelo rei. A Rússia recebeu em “batismo” — com o perdão da palavra — o nome de União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Poincaré formou um ministério na França. Um tratado pôs fim ao protetorado inglês no Egito e Fuad I foi feito rei da terra dos faraós. Mustafa-Kemal consolidou seu domínio na Turquia. Constantino da Grécia abdicou. O Brasil comemorou o primeiro centenário da sua Independência e recebeu a visita do rei Alberto da Bélgica.

Tudo isso e muito mais aconteceu durante o ano de 1922, porém um pequeno fato que a História com H maiúsculo não registrou, um incidente sem significação para o grande mundo mas de importância capital para a estória que vou contar nesta crônica, ocorreu na cidade de Porto Alegre. O menino Henrique d’Avila Bertaso perdeu as suas férias de verão porque o pai, um dos sócios principais da Livraria do Globo, achou que o mais velho dos filhos varões, então com quinze anos, estava se transformando numa pequena peste doméstica, com tempo demais a pesar-lhe nas mãos e no crânio. Assim, à maneira dos velhos negociantes da tradição portuguesa (embora ele próprio fosse italiano, natural de Verona), resolveu fazer o rapaz trabalhar como “caixeiro” da sua livraria. Adeus areias, ondas e moças da praia de Torres! Adeus vagabundagens na Rua da Praia!

O menino Henrique, porém, não ficou triste — pelo menos é o que ele me assegura hoje, cinquenta anos mais tarde — porque o

fato de ir trabalhar com horário integral na Livraria de certo modo o eximia da responsabilidade de preparar-se para o exame de francês em segunda época, e talvez o livrasse definitivamente do Ginásio Anchieta, que ele cursava sem grande entusiasmo. Posso imaginá-lo atrás do balcão, vendendo artigos de papelaria, canetas, lápis, livros, principalmente livros. Tinha boa memória, e dentro de pouco tempo surpreendia os colegas mais antigos ao mostrar-lhes o lugar exato onde estava certa obra pedida por um freguês. Fosse como fosse, sempre havia tempo para, através das duas portas do salão da livraria, dar espiadas para a rua, em cujas calçadas passavam num perfumado desfile mulheres que tão bem representavam o tipo da *melindrosa* criado pelo caricaturista J. Carlos na revista *Careta*. Era também agradável atender uma rapariga bonita que entrava na loja à procura do último romance de Delly, Ardel ou Guy de Chantepleure.

Não sei com que espécie de interesse Henrique via meterem-se no pequeno elevador que levava ao andar superior, ao gabinete de Mansueto Bernardi, o orientador literário da firma, os intelectuais mais famosos de Porto Alegre. Lá ia Zeferino Brasil apoiado na sua bengala, a cara morena e enrugada de cacique, gravata à Lavallière, cabeleira longa. Havia sido “eleito” Príncipe dos Poetas Gaúchos e tinha escrito muitos livros, dos quais o próprio Henrique já vendera muitos exemplares. Quem era o cavalheiro grisalho, com ar de diplomata, simpático e alinhado? João Pinto da Silva, secretário do governo do dr. Borges de Medeiros e crítico literário, autor de livros cujos títulos Henrique sabia de cor, como *Vultos no meu caminho* e *Fisionomia de novos*, este último recém-aparecido. Seria poeta ou prosador — ou ambas as coisas? — o baixinho sorridente de ar plácido que às vezes “dava as caras” no gabinete de M. Bernardi? Não, esse não escrevia livros. Era político, tinha sido naquele mesmo ano eleito deputado federal pelo Partido Republicano Rio-Grandense. Chamava-se Getúlio Dorneles Vargas. O magro baixo e simpático que às vezes aparecia com ele era João Neves da Fontoura, deputado

estadual, considerado orador de grande eloquência. E o moço de beleza varonil e palavra fácil e aliciante, que de raro em raro se juntava a todos aqueles frequentadores do pequeno cenáculo de Mansueto Bernardi? Era o bacharel em ciências jurídicas e sociais Oswaldo Aranha, que não publicava livros, mas tinha uma inteligência viva e um poderoso magnetismo pessoal.

Se alguém apontasse esses homens ao menino Henrique e lhe dissesse: “Toma nota desses nomes, grava bem na memória essas fisionomias, porque um dia esses senhores serão figuras importantes da República e hão de, todos eles, cada qual a seu modo, *fazer* História”, o “Bertasinho” — era assim que muitos lhe chamavam — teria sorrido incrédulo e dito a frase que haveria de usar pelo resto da vida nos momentos de surpresa ou perplexidade: “Não pode ser!”

II

Toda aquela gente importante frequentava a Livraria do Globo, subia ao território do Mansueto Bernardi para uma prosa e para passar os olhos pela última novidade literária, o *vient de paraître*, como se costumava dizer nos arraiais literários, pois naquela época os Estados Unidos ainda não se tinham tornado importantes no mundo, e a França era a segunda pátria de todo intelectual brasileiro. O inglês era a língua remota e seria quase bárbara se um tal de Mr. William Shakespeare não a houvesse usado nas suas peças de teatro mundialmente famosas.

Mansueto Bernardi, poeta e prosador, lá estava no primeiro andar, sentado à sua escrivaninha, selecionando livros para pedir a editoras da Itália, da França e da Espanha — ou então lendo originais que autores conhecidos lhe mandavam, na esperança de que o mentor literário da Globo os fizesse editar. Ele próprio era autor

de livros como *Terra convalescente*, e a sua quase paixão mística por São Francisco de Assis (o santo, não a cidade) o levaria a reunir um dia num volume os seus ternos *Poemas franciscanos* (1927). Homem inteligente e de boa vontade, tinha uma personalidade catártica, recebia bem — embora sem exageros de cordialidade — todos os escritores que o procuravam, tanto os velhos como os novos. Um de seus sonhos diletos era criar na Globo uma editora de âmbito nacional, projeto esse que não contava com a simpatia da direção suprema da Casa.

Nascido em Treviso, Itália, viera Mansueto Bernardi para o Brasil quando ainda menino. Falava agora um português duma pureza castiça, mas com prosódia gaúcha — nítida, escandida, quadrada — e com uma leve musiquinha italiana. Esguio de figura, tinha uma dessas faces angulosas, de lábios finos e olhos esquivos, que a gente encontra nos museus da Europa. (Quase trinta anos mais tarde eu haveria de pensar em Mansueto ao ver o retrato dum doge de Veneza pintado por Giovanni Bellini.) Personalidade complexa, tinha ele pela política uma inclinação maquiavélica, que alternava com inocências e doçuras franciscanas.

Alguns literatos de Porto Alegre cultivavam o hábito de se reunirem à tardinha à porta da Livraria do Globo, onde ficavam a fumar, discutir política e/ou literatura e a olhar a colorida parada das calçadas. Getúlio Vargas, mesmo depois de eleito presidente do estado, continuaria, uma vez que outra, a reunir-se ao grupo.

Dentro da livraria, Henrique exercia as suas atividades com um entusiasmo cada vez maior. Tinha boa memória visual e agora, quando os caixeiros veteranos se perdiam no meio de tantos livros, não encontrando às vezes o que o freguês lhes pedia, o jovem Bertaso vinha em socorro dos colegas, vaqueano que era daqueles campos bibliográficos. E levava o indicador direito ao lugar exato em que a obra pedida se encontrava. Foi assim tomando um gosto especial pelos livros e começando, imagino, a gozar desse esquisito prazer tátil, quase sensual, que o bibliógrafo sente quando segura,

apalpa, cheira um volume. Aprendia também que cada livro tem uma *individualidade*, como as pessoas, uma certa espécie de alma e a capacidade de comunicar-se com os homens. Em suma, não se trata apenas de *papel impresso*. É que já existia em Henrique Bertaso o germe do futuro editor. Teria passado por sua cabeça, nos primeiros anos da década dos 20, a ideia de no futuro tomar conta do departamento editorial da Casa? Mal sabia ele que a oportunidade para tal ventura e aventura lhe viria dali a uns oito anos. Acontece, porém, que oito anos valem por oitenta no espírito dos que ainda não entraram na casa dos vinte...

III

Onde estava eu no último mês do ano de 1922? Em Cruz Alta, de volta de Porto Alegre, onde cursava o Colégio Cruzeiro do Sul como interno. Exatamente no dia em que cheguei à casa de meus sonhos, das minhas fantasias e da minha saudade, meu pai e minha mãe se separaram. Caí num estado de profunda depressão, decidi abandonar o curso ginásial inacabado e começar logo a trabalhar. E naquele resto de dezembro eu me preparei masoquisticamente para um Natal triste. Evitei os amigos. Fugui às festas. Entreguei-me a verdadeiras orgias de autocomiseração. Aceitei um emprego, com um salário ínfimo, no armazém duma firma que fornecia gêneros alimentícios para a guarnição federal da cidade. Consolava-me à noite com os poucos livros sobrados da rica e numerosa biblioteca que meu pai possuía nos tempos das vacas gordas em que assinava *L'Illustration*, em cujas páginas de papel gessado nos vinha o espírito, o cheiro, as imagens, a vida, enfim, de uma Paris que eu já conhecia dos romances de Maurice Leblanc, das aventuras de Arsène Lupin, e das andanças dos Três Mosque-

teiros. Tinha eu a impressão de que todos os meus sonhos e projetos se haviam desfeito em poeira — a poeira que se erguia agora do soalho daquele armazém que eu — um homem de dezessete anos, membro, segundo orgulhosas tias, duma das mais ilustres famílias de Cruz Alta, ó vergonha, ó desgraça! — varria todas as manhãs, depois de borrfifar as tábuas de água misturada com creolina. Para minha sensibilidade olfativa o cheiro de creolina sempre me evocara a vida rural, que então eu detestava e até hoje não amo: cheiro de carrapaticida, de latrinas — símbolo, em suma, do que a vida tem de mais visceral e sujo. O meu consolo eram os livros e as minhas próprias fantasias. Foi na máquina de escrever Underwood desse armazém que alimentava os soldados do 6º Regimento de Artilharia Montada e do 8º de Infantaria que fiz às escondidas a minha primeira literatura. Que livros ficaram ligados a essa época um tanto opaca da minha vida? Lembro-me principalmente de *Os sertões*, de Euclides da Cunha, cujo estilo me fascinava com a sua força máscula, a sua irregularidade, os seus imprevistos, os seus períodos de aço. Li também, mas com dificuldade, o meu primeiro livro em francês, um romance canalha, cujo título, se a memória não me trai, era *La Chémise de Mme. Crapuleaux*. Apaixonei-me pelos contos de Afonso Arinos. Era também leitor entusiasta de Coelho Neto e Afrânio Peixoto. Frequentava os realistas, Aluísio Azevedo, Émile Zola, Gustave Flaubert... Até mim, naquele armazém que cheirava a charque e tijolinhos de goiabada, chegavam os ecos da Semana de Arte Moderna. Na revista *Para Todos* eu lia com encanto os escritos de Álvaro Moreira. Depois veio o tempo de Monteiro Lobato. *Urupês* me fascinou. *Cidades mortas* me deu a espantada certeza de que até uma pequena cidade adormecida do interior pode constituir assunto literário. Recebia e lia regularmente a *Revista do Brasil*. Fiz-me também leitor de Ribeiro Couto, João do Rio, Menotti del Picchia, Cassiano Ricardo e dos dois Andrades, Mario e Oswald. Com o meu amigo de infância José Rostro Castilhos, tive o meu período de Olegario Mariano, cujos pierrôs tristes

e sonoras cigarras nos encantavam. Claro, e havia sempre Machado de Assis, a quem eu admirava, além de lhe querer bem como a um tio distante no tempo e no espaço. Horas havia em que eu hesitava entre o velho Machado e Eça de Queiroz, este último um escritor da predileção de meu pai, homem inteligente e de sensibilidade. Creio que até hoje essa dicotomia não foi ainda resolvida dentro de mim.

Do armazém passei para uma casa bancária, onde me entregaram um livrão de controle geral, mas de pouca responsabilidade, chamado *chiffier*, e no qual cometi incontáveis erros. Fui mais tarde promovido a chefe da Carteira de Descontos, eu que sou uma toupeira em matéria de números. Um de meus orgulhos era o de saber escrever a máquina com os dez dedos e depressa, sendo assim capaz de fazer um memorando por minuto, desses em que o banco pede a tal e tal firma que venha resgatar uma duplicata vencida. Às vezes, no papel mesmo com o timbre do Banco Nacional do Comércio, depois do “*Prezado Senhor: Tomamos a liberdade de vir à presença de V. S^a...*”, movido por um demônio interior eu escrevia trechos de contos de minha própria invenção, coisas assim: “*e então Juca descobre que o ladrão de gado que ele matara era o seu próprio irmão*”. E nesses momentos o diabo do contador da agência bancária aproximava-se do furtivo contador de estórias e este tinha de tirar o papel da máquina às pressas, rasgá-lo e jogar seus pedaços no cesto de vime, ao pé da mesa.

Mas afinal de contas estou tentando escrever minhas lembranças de Henrique Bertaso e não uma autobiografia. Devo, no entanto, esclarecer que se falo tanto em mim também, é porque me parece interessante contar o que faziam entre fins de 1922 e 1930 — um em Porto Alegre e o outro em Cruz Alta — dois homens que um dia viriam a encontrar-se para juntos se lançarem numa aventura editorial, isso para não falar nos caminhos do convívio e da amizade.

Copyright do texto © 2011 by Herdeiros de Erico Verissimo
Copyright da ilustração © 2011 by Rodrigo Andrade
Copyright do prefácio © 2011 by Luis Fernando Verissimo

Texto fixado pelo Acervo Literário de Erico Verissimo, com base na edição princeps, sob a coordenação de Maria da Glória Bordini.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

CAPA E PROJETO GRÁFICO Raul Loureiro

IMAGEM DE CAPA E QUARTA CAPA Autor desconhecido/ Acervo Erico Verissimo/
Instituto Moreira Salles

IMAGENS DO CADERNO DE FOTOS pp. 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8 e 16: Autor desconhecido/ Acervo Literário
Erico Verissimo/ Instituto Moreira Salles; p. 8 (ao centro): Cortesia Maria Helena Martins; pp. 9,
10, 11, 12, 13, 14 e 15: Acervo Fotográfico do Museu de Comunicação Hipólito José da Costa

ESTABELECIMENTO DE TEXTO Maria da Glória Bordini e Eduardo Belmonte de Souza

SUPERVISÃO EDITORIAL, CRONOLOGIA E TEXTOS FINAIS Flávio Aguiar

EDIÇÃO Heloisa Jahn

REVISÃO Viviane T. Mendes e Marise Leal

1ª edição, 1972

2ª edição, 2011

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Verissimo, Erico, 1905-1975.

Um certo Henrique Bertaso : pequeno retrato em que o pintor também aparece/ Erico Verissimo ; ilustração Rodrigo Andrade ; prefácio Luis Fernando Verissimo. — São Paulo : Companhia das Letras, 2011.

ISBN 978-85-359-1840-3

1. Bertaso, Henrique d'Avilla, 1906-1977 2. Editora Globo – História
3. Rio Grande do Sul – Vida intelectual 1. Andrade, Rodrigo. II. Verissimo,
Luis Fernando. III. Título.

11-02999

CDD-070.5092

Índice para catálogo sistemático:

I. Editores : Biografia 070.5092

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707 3500

Fax: (11) 3707 3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br